

## A necessidade de diálogo entre filmografias

Por Humberto Pereira da Silva (SP)

A 18ª edição do Cine PE foi marcada pela mudança de estrutura em relação às edições anteriores. Nas palavras de seus diretores, Alfredo e Sandra Bertini, com a maioridade a necessidade de voos mais amplos. Assim, a aposta na internacionalização como sinal expressivo de mudança, tendo em vista a percepção de que, num tempo de integração entre filmografias, a necessidade de diálogo, de estreitamento entre o que se faz aqui e alhures. Com esse propósito, a mostra competitiva de longas de ficção internacional exibiu *Todos Tenemos um Plan* (Argentina), de Ana Piterbarg, *Anni Felici* (Itália), de Daniele Luchetti e *Romance Policial* (Chile/Brasil), de Jorge Durán. Fora de concurso foi exibido *O Grande Hotel Budapeste* (Estados Unidos), de Wes Anderson, que abriu o Festival de Berlim deste ano.

Um primeiro aspecto a se notar nesses longas de ficção da mostra competitiva refere-se aos critérios da curadoria, sob a responsabilidade de Rodrigo Fonseca, para selecioná-los e, assim, oferecer a nova feição do festival no momento de internacionalização. O que os liga e, em consequência, traria o novo perfil do Cine PE? *Todos Tenemos um Plan* é um thriller que se beneficia da presença do ator americano Viggo Mortensen, além da marcante atuação da jovem atriz argentina Soledad Vilamil; *Anni Felici* traz um tanto de temas e conflitos familiares num ambiente falsamente libertário, num estilo narrativo que há muito se vê na filmografia italiana; *Romance Policial* é um curioso e sutil exercício de metalinguagem, que desperta atenção à medida que alude às tramas policiais e de assassinato do escritor chileno Roberto Bolaño.

Como decorrência dos critérios de escolha da curadoria, portanto de busca de perfil para o festival, outra indagação: a fim de que se possa efetivamente confrontar e dialogar com filmografias, em que medida esses três filmes são representativos para os cinemas da Argentina, Itália e Chile? Quando se tem no horizonte a ideia de estreitamente, integração, esse um desafio a que a festival não pode escapar. O risco de trazer um filme para preencher a conveniência da programação, e que mal ressoe em seu país de origem ou em âmbito internacional, assim como iniba o confronto com nossa filmografia, pode acarretar num tira pela culatra.

Inevitável ponderar sobre riscos que se corre quando se busca mudar. Não há respostas fáceis, ou esquemas prontos de manuais para as indagações levantadas. Mas levantá-las significa colocar em pauta um ponto inequívoco: a necessidade de debate, de diálogo com foco em confluências e diferenças entre o recente cinema brasileiro e outras filmografias. Nesse sentido, a produção chilena e brasileira *Romance Policial*, no quesito longa-metragem de ficção, é o que mais me apreze ajustado a um festival que teve sua primeira experiência voltada para a internacionalização. Digo, a fim de que se possa, de fato, pensar em diálogo e num perfil que caracterize o Cine PE.

Ao contrário das películas argentina e italiana, a de Durán se expõe a um desafio nem sempre bem sucedido no cinema: intercambiar o foco narrativo. Com isso, visa a tirar o

espectador de certa passividade com relação ao narrado. Em *Romance Policial* lhe é apresentado uma trama realista: o que se vê na tela, em princípio, é o que está acontecendo, como na narrativa de um romance em terceira pessoa. Ocorre que o protagonista é um escritor em crise que, justamente, procura inspiração para escrever. O que o filme mostra, então, é que o livro que ele escreve descreve os próprios acontecimentos vividos. Sutilmente fica a suspeita de que o realismo da narrativa não passa de imaginação do escritor. O sentido do vivido estaria preso ao que o escritor sente e percebe, como num romance em primeira pessoa.

Durán é delicado a ponto de não deixar brecha para o espectador separar narrativa realista e imaginada. Nisso, creio, um valor estético destacável em seu filme. Ele se sai bem no difícil exercício estilístico que joga com ambiguidades, aparências duvidosas, pistas falsas, e que muito deve aos romances de Bolaño. A trama de *Romance Policial*, então, se desenrola de forma imprecisa, segue um ritmo no qual a psique dos personagens que despontam deixa um ar de mistério, de vazio de propósitos. Esse vazio perturba e inquieta, pois os personagens se movem imersos numa paisagem ao mesmo tempo árida, o deserto de Atacama, e deslumbrante. A aridez e o deslumbramento do deserto carregam o sentido de uma metáfora para as incertezas e fascínios da existência humana. A experiência vivida é tão inóspita quanto encantadora.

*Romance Policial*, de fato, não oferece chave interpretativa que se conforme a expectativas preconcebidas pelo espectador: um desfecho em que tudo se amarre e faça sentido. Sob esse aspecto, o desafio que Durán se propôs é bem sucedido: ele perturba, instiga, sem que, contudo, caia em clichês herméticos. Tem-se, assim, uma película a ser revista com a calma e atenção que merece, a fim de que se possa reavaliar as intenções e sentidos propostos por seu diretor.

Destacado o esforço de metalinguagem e o valor estilístico, penso no diálogo possível de *Romance Policial* e certa vertente recente da filmografia brasileira. Tenho em mente, nos planos temático e estético, um modo de realização como o de Marcelo Gomes e Karim Aïmouz em *Viajo Porque Preciso, Volto Porque Te Amo* (2009). Tanto quanto Durán, o acento na viagem interior, na percepção intimista da realidade, na transformação do personagem em confronto com uma paisagem desconhecida e desafiadora.

Ora, num festival que se abre para o diálogo, para o debate entre filmografias com a internacionalização, creio que das películas não brasileiras exibidas na mostra competitiva de longas de ficção internacional *Romance Policial* é a que mais se aproxima desse propósito (as realizações argentina e italiana, a esse respeito, me parecem demasiado convencionais e refratárias ao confronto, tanto do ponto de vista formal quanto temático). Agora, bem entendido (o que também se aplica a *Viajo Porque Preciso...*), não significa que *Romance Policial* seja uma obra-prima. No âmbito do que foi apresentado no festival, sua importância e valor residem nos desafios formais assumidos por Durán, e no fato de se abrir para diálogo com uma vertente da recente

filmografia brasileira. Por isso, sim, vale ressaltar sua presença e importância no festival.